

O QUE PENSAM AS CRIANÇAS SOBRE O COVID-19? RESSIGNIFICANDO  
E APRENDENDO COM AS CRIANÇAS

*WHAT DO CHILDREN THINK ABOUT COVID-19? RE-MEANING AND  
LEARNING FROM CHILDREN*

*¿QUÉ PIENSAN LOS NIÑOS ACERCA DEL COVID-19? RE-SIGNIFICADO Y  
APRENDIZAJE DE LOS NIÑOS*

*Bianca Trindade*  
biaartes@yahoo.com.br  
Doutoranda em Educação  
UFRRJ

**RESUMO:** Este ensaio apresenta uma reflexão sobre esse evento pandêmico em curso o COVID-19, articulado para entender o que as crianças pensam sobre essa crise, e o que tem feito e como tem passado esse momento de afastamento físico. A opção por relacionar esses fatos tem o objetivo de dialogar sobre a pandemia e o parecer das crianças tem a ver com os seus vários efeitos e as medidas provisórias que foram instituídas para conter o contágio, principalmente o afastamento físico e a escola em casa (educação remota), e sem contar a vivência com os seus pares, que não acontece presencialmente, essas assim como os adultos tiveram as suas rotinas alteradas. Difícil o momento, e até mesmo imprevisível! Refletir e entender a situação atual pelo olhar das crianças nos ajudará a pensar o presente e organizar estratégias para planejar a educação em diferentes contextos. Contudo, vamos priorizar as experiências vivenciadas no Rio de Janeiro nos primeiros dois meses de isolamento corporal e social (março/abril) do ano de 2020.

**Palavras-chave:** Crianças. Pandemia. Educação. Afastamento social. Tecnologias.

**ABSTRACT:** This essay presents a reflection on this pandemic event in progress COVID-19, articulated to understand what children think about this crisis, and what they have done and how this moment of physical withdrawal has passed. The option to relate these facts has the objective of dialoguing about the pandemic and the children's opinion has to do with its various effects and the provisional measures that were instituted to contain the contagion, mainly the physical withdrawal and the school at home (education remote), and without counting the experience with their peers, which does not happen in person, these as well as adults had their routines changed. The moment is difficult, and even unpredictable! Reflecting and understanding the current situation through the eyes of children will help us to think about the present and organize strategies to plan education in different contexts. However, we will prioritize the experiences lived in Rio de Janeiro in the first two months of corporal and social isolation (March / April) of the year 2020.

**Keywords:** Children. Pandemic. Education. Social withdrawal. Technology.

**RESUMEN:** Este ensayo presenta una reflexión sobre este evento pandémico en curso COVID-19, articulado para entender qué piensan los niños sobre esta crisis, qué han hecho y cómo ha pasado este momento de retraimiento físico. La opción de relatar estos hechos tiene como objetivo hablar de la pandemia y la opinión de los niños tiene que ver con sus diversos efectos y las medidas provisionales que se instituyeron para contener el contagio, principalmente el retraimiento físico y la escuela en el hogar (educación remoto), y sin contar la experiencia con sus compañeros, lo que no ocurre en persona, tanto a estos como a los adultos se les cambió la rutina. ¡El momento es difícil, e incluso impredecible! Reflexionar y comprender la situación actual a través de la mirada de los niños nos ayudará a pensar en el presente y a organizar estrategias para planificar la educación en diferentes contextos. Sin embargo, priorizaremos las experiencias vividas en Río de Janeiro en los dos primeros meses de aislamiento corporal y social (marzo / abril) del año 2020.

**Palabras clave:** Niños. Pandemia. Educación. Retiro social. Tecnologías.

## PARA INÍCIO DE CONVERSA...

*“Em 31 de dezembro de 2019 um comunicado do governo chinês alertava a Organização Mundial da Saúde para a ocorrência de casos de uma pneumonia “de origem desconhecida” registrada no sul do país. Ainda sem nome, o novo coronavírus alcançaria 180 países ou territórios. “É incrível refletir sobre quão radicalmente o mundo mudou em tão curto período de tempo”, indica o diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus<sup>1</sup>.” (SCHWARCZ, 2020)*

A historiadora Lilia Schwarcz, em “100 Dias que mudaram o mundo”, aponta sobre esse alerta de *uma pneumonia “de origem desconhecida”* registrada pelo do governo Chinês *no sul do país*. Vemos que a Pandemia do novo Coronavírus teve início China e depois se espalhou para o mundo. Atualmente, o Brasil e os demais países passam por momentos difíceis, estamos submersos numa grande crise. Lutamos com um inimigo invisível, o “*novo coronavírus*”, oficialmente anunciado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), esse vírus tem condenado e levado à morte milhares de pessoas. Este texto tem como propósito específico apresentar esse surto por meio das falas e narrativas das crianças, o que sabem e como se sentem e como têm realizado seus estudos, diante do desafio da COVID-19. Nessa abordagem, a alteridade e o diálogo infantil são tomados como princípios epistemológicos fundamentais.

<sup>1</sup>Lilia Schwarcz, - 100 DIAS QUE MUDARAM O MUNDO. Disponível em: <http://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/coronavirus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/#tematico-1> Acesso em: 05 maio 2020.

Como educadores e pesquisadores, o nosso interesse é colocar as crianças como o centro de nossas preocupações. Tentaremos dialogar e demonstrar algumas questões levantadas cientificamente sobre o coronavírus, fazendo uma reflexão a partir das narrativas das crianças, o que pensam e falam sobre essa crise que tem impactado o mundo, e mudado a rotina das famílias e das crianças. Por isso, para conhecer os seus medos, as suas dores, ansiedades e preocupações seria interessante e relevante a escuta das crianças, conhecer o repertório de cada uma delas.

Hoje o tema em questão pode ser rastreado a partir de diferentes fontes. Mas nos primórdios sabemos que o Coronavírus (COVID-19), surgiu na República Popular da China, em 01 de dezembro de 2019, mas o primeiro caso foi reportado em 31 de dezembro do mesmo ano. Foram identificados como principais sintomas: febre, tosse, dificuldade em respirar e falta de ar. Em casos mais graves, há registro de pneumonia, insuficiência renal e síndrome respiratória aguda grave.

É preciso ressaltar que não existe cura para essa enfermidade. Ao ser anunciado sobre o novo vírus no Brasil, o Ex-Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, que estava na linha de frente do enfrentamento à COVID-19, afirmou que lavar as mãos com água e sabão seria um modo de combatê-lo, e evitar contatos físicos, beijos e abraços. Essas medidas provisórias emergenciais em razão da Pandemia foram adotadas em muitos países por determinação da OMS, e a medida mais emergente seria: “Ficar em casa”.

Mediante a complexidade dos fatos vimos que o avanço desta doença foi muito rápido e assustador. E desde, 13 de março de 2020, o Brasil não é o mesmo, observamos os efeitos de toda essa mudança impressionante, mas hoje, em 06 de maio de 2020, os números revelam, que só no Rio de Janeiro – já passam de 500 mil pessoas infectadas pelo COVID-19, e enquanto isso os cientistas tem avançado em pesquisas de vacinas, para o combate à doença.

Nesse contexto, destaco que o nosso interesse se deteve em saber no que pensam as crianças sobre o Coronavírus. O que elas têm feito e como têm passado este momento de isolamento social? A escuta das crianças, seria muito significativo, para produzir conhecimentos visto que essas se guiam pelas experiências.

Frente as novas questões que estão vivendo são preciso pensar criticamente o dia a dia, propondo as crianças – O que pensam sobre esse momento? Ao mesmo tempo dar-lhes espaços para que se desenvolvam, construam e adquiram conhecimentos e se tornem autônomas e criativas. Os registros de suas impressões (verbais e não verbais) realizados pelas crianças e achados nesse trabalho são imprescindíveis, este estudo ficarão marcados por esse princípio de ressignificar e aprender com as crianças, vamos seguir com o dever de reinventar-se nesse momento crítico, através de suas impressões sobre esse mal-estar mundial.

Entendemos que isso funciona como uma maneira de transformar acontecimentos ruins em novas aprendizagens, dar um novo sentido e possibilidades, ou seja, pensar com a perspectiva de um realista esperançoso. Afinal, a esperança de dias melhores deve existir.

## **PENSANDO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA**

Neste diálogo de construção do conhecimento e sentidos nos interessa muito esses encontros entre educação, filosofia e infância. Segundo o filósofo Renato Noguera (2015. p. 25) “a Filosofia é uma arte da palavra, do saber”. E por isso, vemos a Filosofia como experiência educativa que pode ajudar a pensar esse cenário pandêmico, ao qual estamos inseridos, na voz das crianças. A Sociologia da Infância abre possibilidades para o estudo e a compreensão desta realidade social na contemporaneidade. Faz-se necessário pensar com as crianças essas sujeitos ativos e atuantes nos ambientes que

participam, demarcando a importância de serem pensados estudos e ações voltadas para esse público que são dotados de capacidades, potencialidades e modos próprios de interagir e atuar. Corsaro (2011) apresenta a concepção da criança como ator social que produz cultura na inter-relação entre os mundos infantis e adultos, desta forma, é concebido como um sujeito de direitos a qual se deve ouvir a fala, e não somente falar sobre ela.

Nesse exercício do pensamento, para pensar nesse momento, os nossos estudos deslançam a partir uma experiência pedagógica. Para aula desenvolvemos uma atividade da disciplina de Psicologia da Educação na Infância (PEI), com uma das turmas de Ensino Médio no Curso de Formação de Professores, na Escola Estadual Professor José Accioli a qual leciono.

Desenvolvida sob formas de atividades numa demanda de aulas *online*, através da plataforma Google for Education onde os professores e estudantes compartilham essa ferramenta de ensino neste período de calamidade em razão do novo Coronavírus.

Nesta aula a proposta foi estudar o desenvolvimento humano a partir da infância e reconhecer as características comuns de cada faixa etária. Assim, cada estudante foi estimulado a refletir sobre as formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo, experiências próprias de cada ser.

E para isso apontamos o nosso foco em: *Planejar o quê e como ensinar implica saber quem é o educando*. Essas são reflexões importantíssimas e cabe ao professorado. A temática central foi o estudo de Jean Piaget<sup>2</sup> - *Estágios do Desenvolvimento Humano*, nesse contexto é relevante retratar que

---

<sup>2</sup>Jean Piaget - foi um biólogo, epistemólogo e psicólogo. Nasceu no dia 9 de agosto de 1896 e faleceu no dia 16 de setembro de 1980, na Suíça. Sendo um dos nomes mais influentes da educação, principalmente durante a segunda metade do século 20, Jean Piaget passou a ser considerado até mesmo um sinônimo de pedagogia. Ele dedicou um bom tempo de sua vida para observar o comportamento do ser humano e como este adquire conhecimentos desde o nascimento.

o nosso interesse foi compreender a importância do estudo do desenvolvimento humano.

Para Piaget, o conhecimento é algo inacabado e estável, este vive em transformação e o sujeito por meio de sua ação ele constrói e reconstrói conceitos indispensáveis para sua adaptação ao meio social.

Para repensar como as crianças constroem conhecimentos, e o que elas tem construído em meio a esse cenário pandêmico. E o desafio foi lançado, a atividade remota seria a de entrevistar algumas crianças de várias idades, saber o que acham dessa pandemia. E como elasacompanham e mantém seus estudos remotos. Ainda que de longe, os estudantes do Curso Normal aceitaram o desafio.

No intuito de refletirmos a contribuição das tecnologias em tempos de pandemia. Visto que, “[...] as tecnologias são meio, apoio, mas com o avanço das redes, da comunicação em tempo real, dos portais de pesquisa, se transformaram em instrumentos fundamentais para a mudança na educação” (MORAN, 2009, p. 173). Principalmente, nesse período de distanciamento social, no qual estamos vivendo.

Para pensar este momento foi relevante trazer o desenho abaixo, que revela as impressões de uma das crianças o Vinícius (12 anos), quando foi entrevistado por uma professoranda, sobre: “*O que ele achava a respeito do Coronavírus?*”, ele rapidamente, falou: “*Eu posso desenhar? Acho que até ele sente medo!*”. Então, o menino começou a sua arte de representar as suas impressões através dos seus desenhos.

Segundo, Vinícius esse seria um dos seus personagens favoritos . O seu desenho relata e traduz um pouco do momento e da sua experiência nesse tempo. De acordo com, Nancy Rabello, “devemos saber a importância de usar o desenho como uma linguagem, que nos fala, sem palavras.” (RABELLO, p.65, 2014).

Nesta trama, percebemos que o desenho expande a imaginação e cria oportunidades, ele utiliza-se dos sentidos, para ler, imaginar, perceber, experimentar e criar. O desenho da criança pode contar histórias.

Foto 01 - Patolino e o Coronavírus- Vinícius (12 anos)



Fonte: arquivo da escola

## **A IMPORTÂNCIA DE APRENDER COM AS CRIANÇAS E ALGUMAS DIMENSÕES CONCEITUAIS.**

A infância passou a ser compreendida como um campo social constituído historicamente. Através de estudos realizados por vários autores, tais como: Ariès (1981); Sarmiento (2002, 2004, 2007); Gouvea (2009); Corsaro (2011); Kramer (2002, 2009, 2011), entre outros teóricos, aprendemos hoje sobre a História e a produção das crianças e infâncias.



Nos estudos historiográficos da infância, há uma tradição iniciada com Philippe Ariès, em sua importante e conhecida obra *História social da criança e da família*, publicada originalmente em 1960. As crianças não eram consideradas como seres sociais plenos. Essas durante vários séculos foram invisibilizadas socialmente, eram consideradas como seres incompletos, vistas como incapazes de produzir cultura, suas opiniões não eram levadas em conta.

Vemos que os autores Sarmiento e Gouvea (2009, p. 19) enfatizam a ideia da criança como ser invisível: “As crianças são “invisíveis” porque não são consideradas como seres sociais de pleno direito. Não existem porque não estão lá: no discurso social”.

Diante disso, a infância tem se tornado uma preocupação na contemporaneidade, porque assim como nós muitos outros pesquisadores em todos os campos disciplinares têm se desdobrado para entender, estudar e repensar a infância aos olhares da Psicologia da infância, Sociologia da infância e Filosofia infância, para pensar esse processo dialético na escola para construção de práticas educativas como sugere a pedagogia Histórico-cultural segundo a teoria que foi elaborada pelo pensador russo Lev Vygotsky (1836-1934). É importante ressaltar que as concepções de infância e criança nem sempre expressam os mesmos significados, pois, essas concepções são construções sociais formadas ao longo da vida. Afinal, olhar para a infância é olharmos para nossa própria vida.

Temos como cenário o encontro do pesquisador com a criança e nosso intuito é provocar uma atitude reflexiva. Dar à vez e voz as crianças, essas que por longo anos na história foram emudecidas. Para Corsaro (2011), os objetos principais de suas investigações são as relações entre as crianças, a vida das crianças e sua participação social.

E assim como o autor, reiteramos que a infância realmente é o nosso foco e a consideramos uma verdadeira *potência*. E na participação da criança surgem as possibilidades para pensarmos o inexplicável, nesse momento de

pandemia. A Filosofia da infância pode nos ajudar a refletir e entender melhor a cultura da infância essa surge como fonte inspiradora. De acordo com, G. Deleuze, filósofo francês contemporâneo, distingue também dois modos da temporalidade. De um lado, temos o devir e, do outro, a história de acordo com, Deleuze (1992)

A história não é a experiência, mas o conjunto de condições de uma experiência e de um acontecimento que têm lugar fora da história. A história é a sucessão de efeitos de uma experiência ou acontecimento. Portanto, de um lado estão as condições e os efeitos; do outro lado, o acontecimento mesmo, a criação, o que Nietzsche chamava de intempestivo. De um lado, está o contínuo: a história, *chrónos*, as contradições e as maiorias; do outro lado, o descontínuo: o devir, *aión*, as linhas de fuga e as minorias. (Deleuze, 1992, p. 210)

Ao adentrar nesses caminhos observamos que o autor dialoga sobre a ideia do devir e da história. E nos afirma que “a história não é a experiência, mas o conjunto de condições de uma experiência e de um acontecimento que têm lugar fora da história”. Notemos que a história, retrata um acontecimento, uma experiência, ora interrompem, e a revolucionam, transformando uma nova história, um novo início.

Nesse sentido, o Filósofo Walter Kohan (2002) argumenta que as distinções entre história e devir, que também pensadas como *chrónos* e *aión*, podem nos ajudar a pensar a infância.

No detemos, nesse último modo, que muito nos interessa de “pensar a infância”. E seguimos com essa proposta, pensando a Pandemia com o olhar da criança, acreditamos que elas nos apresentarão fatos desse acontecimento, tão temível e inesperado, uma experiência dolorosa, que vem interrompendo vidas e histórias, transformando o mundo num triste cenário de dor e tristeza, uma nova história será traçada, um novo normal.

Nós educadores precisamos relatá-las, esse é o momento de escrever e contar as experiências com as crianças. E as tecnologias são importantes nesse debate, como instrumentos de conhecimento e de comunicação.

E sem dúvidas, esse evento ficará marcado historicamente no Brasil e no mundo, ele data um momento diferente para educação contemporânea, assim como também no comportamento de todos, inclusive das crianças. E marca a escola com um novo conteúdo que, infelizmente, se refere a uma grande pandemia. Um conteúdo que se difere de todos os outros que nós adultos hoje já estudamos e logicamente também, já enfrentamos.

O mundo parou, a incerteza tem tomado conta dos nossos dias. Essa discussão sobre o coronavírus, cabem a todos, assim como os cuidados e as medidas provisórias que se perpetuam, sem contar as aulas remotas (*online*), que hoje fazem parte do dia a dia de muitos estudantes devido ao fechamento das escolas. Vemos que atualmente as escolas têm assumido diversas versões de ensino, e o ensino remoto surge em caráter excepcional, na tentativa de levar os conteúdos escolares aos educandos.

As salas de aula, o espaço, o tempo, o momento, e até os atores sociais e os trabalhos escolares mudaram em tempos de quarentena. Por conta disso, o distanciamento social continua e com ele a proibição da presença física nas escolas, ou seja, a cultura da reunião territorial é substituída pela linguagem e cultura tecnológica que permanecem sendo importantes nesse momento, para aproximação das crianças aos estudos domiciliares em forma de ensino remoto.

As ferramentas tecnológicas surgem como uma forma de garantir acesso dos estudantes aos conhecimentos: conteúdos e métodos foram reformulados; a transmissão ou construção podem acontecer ou não, dependendo do acesso a essa ferramenta, do afeto, do interesse; da adaptação, do emocional da criança, e principalmente, do auxílio de um adulto,

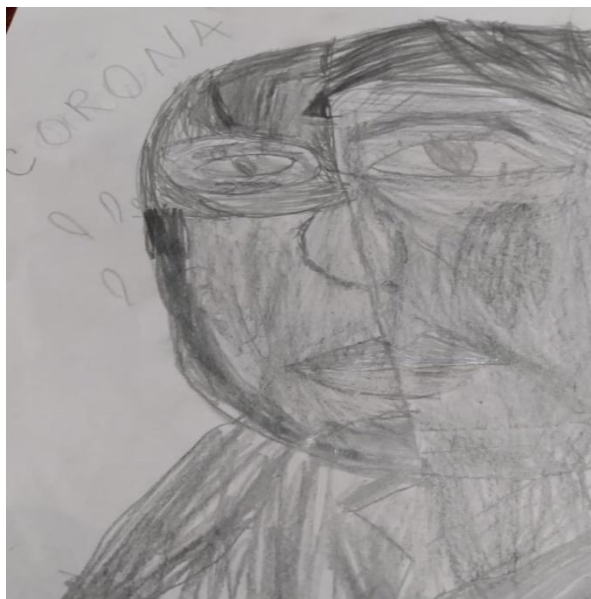
essas e muitas outras questões podem surgir como impossibilidades mediante um período conturbado e de extremas mudanças.

## **AS CRIANÇAS E A PANDEMIA: A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS.**

A concepção de criança na qual acreditamos é a de que ela é um ser histórico, social, político, que encontra parâmetros e informações que lhe permitem formular, construir e reconstruir o espaço que a cerca. (KRAMER, 2009, p. 207).

Fazemos o coro com Sonia Kramer (2009), e podemos afirmar que a criança é um sujeito histórico, ela está presente em todos os momentos, reconhecemos como um sujeito social no contexto ao qual estão inseridas. Este ser político quando construtor de conhecimentos e de ideias, participando e colecionando histórias, essas percepções identificam as intervenções das crianças, criando experiências e conexões com o mundo. Nesse sentido, vemos que “as crianças formam seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande” (BENJAMIN, 2002, p. 104). Como na imagem abaixo um dos entrevistados demonstra em suas impressões o medo da doença.

Foto 02 - Vinícius (12 anos)



Fonte: arquivo da escola

Acreditamos muito que é na experiência com a infância que aprendemos. É preciso escutar as crianças, afinal, as suas rotinas também foram interrompidas e sabemos que lidar com os sentimentos não é fácil, e elas falam o que sentem. Por isso, as crianças se constituem como os principais sujeitos para a compreensão dessa realidade.

E aproveitamos a oportunidade para expor esse trabalho realizado pelos estudantes do Curso Normal do Colégio Professor José Accioli (Rio de Janeiro), em uma interação através de atividades sugeridas nas aulas de forma remota.

Como já supracitado, a tarefa seria entrevistar, utilizando as tecnologias necessárias. É importante ressaltar que, os estudantes foram orientados para esse importante desafio, falo sobre isso, pois entrevistar crianças é realmente um exercício desafiador ainda mais num momento como este. As orientações seriam respeitar os sujeitos envolvidos, pedir o seu assentimento para sua participação.

Portanto, claro está que concordamos com o Estatuto das crianças e adolescentes (ECA/1990) esses tem igualdade de condições como todos os demais cidadãos, o que também nos deixa claro o art.5º, *caput* e inciso I de nossa Constituição Federal, e esses como cidadãos de direitos que são, foram perguntadas se queriam ou não participar da atividade, e outra questão para orientação da pesquisa seria por conta deste cenário da pandemia e de isolamento social, os estudantes se utilizaram de ferramentas tecnológicas seguindo principalmente, os protocolos de saúde para a preservação de vidas, na preocupação com todos os sujeitos envolvidos, buscando a cautela e os cuidados para conter a pandemia de COVID-19.

As crianças entrevistadas foram escolhidas pelos estudantes, um grupo formado por várias faixas etárias. Os questionamentos atribuídos foram sobre o que elas pensam do coronavírus, e descobrir o que elas têm realizado nesse período e se fazem uso das tecnologias, pensamos essas questões para refletirmos como esse processo pandêmico é visto no meio infantil, pelas crianças entrevistadas.

Nesse contexto, é importante enfatizar que o nosso intuito foi entender o momento ao olhar das crianças, possibilitando uma reflexão sobre a visão crítica desta realidade. Por isso, não nos detemos em aprofundarmos em questões dos dados, números de casos da pandemia. E muito menos entender os riscos associados à pandemia, até porque não somos especialistas na área da saúde, mas sim, educadora e pesquisadora de infâncias.

Nosso interesse, se detém em trazer algumas impressões dos meninos e meninas, entrevistados pelos nossos futuros professores. Concordamos com os estudos recentes dispostos no material de Repercussões da Pandemia de COVID-19 no Desenvolvimento Infantil (2020), quando afirmar que:

As experiências de crise são também desafiadoras – e oferecem oportunidades para o ser humano aprender

novas formas de enfrentar as adversidades e ativar processos de resiliência. (NCPI,2020, p.23)

Esses desafios oferecem acima de tudo formas de crescimento, de protagonismo infantil, e isso é um tema que muito nos interessa. É bom lembrar que optamos pela substituição dos nomes dos participantes desta pesquisa com a intenção de manter o anonimato e de resguardá-los. As respostas foram inúmeras, mas deram ênfase ao que provoca algum sentido e ao que essa experiência tem causado, em termos de mudanças na vida de nossas crianças no mundo todo.

#### **Quadro 1 – O que pensam e falam sobre o COVID-19?**

*Ana (06 ANOS): “O coronavírus é um vírus que machuca... Queria que acabassem logo [uma cura] porque eu quero rever meus amiguinhos e brincar com eles.”*

*João (09 ANOS): “Gente é para lavar bem as mãos, evitar o contato, passar álcool gel, se cuidar direitinho.”*

*Felipe (09 ANOS): “Se eu visse um amigo meu assim doente, eu ia falar com alguém e evitar fazer contato e compartilhar brinquedos.”*

*Caio (12 ANOS): “O coronavírus é um vírus que está se espalhando, mas ninguém estava preparado para isso, eu tive que ir ao mercado com a minha mãe, as pessoas estava sem máscaras”.*

*Maria Carolina (10 ANOS): “Gente se cuida, lavem as mãos, quando chegarem em casa passem álcool gel.”*

*Joana (04 ANOS): “O coronavírus é um vírus perigoso... Que pode matar. Por isso tem que usar máscaras.”*

*Mário (08 ANOS): “O coronavírus é um vírus que mata. Queria que acabasse logo porque eu quero ir a escola.”*

*Maria Luisa (2º ano): Detesto esse coronavírus! Desde que isso começou estou separada das minhas amigas, isso é muito ruim. Parecendo um pesadelo todo mundo pode adoecer e morrer.*

*Crianças entrevistadas – abril/2020*

Conforme explicitado anteriormente, as impressões das crianças entrevistadas foram utilizadas como um *termômetro deste momento*, porque as leituras dessas narrativas das crianças nos ajudam na compreensão desse movimento crítico, que é essa pandemia. Investigar a errância e analisar o percurso realizado pelas crianças, sempre muito parceiras nesse estudo, implica. Valorizamos as vozes desses sujeitos, aquelas que quase não se escutam, buscando dar visibilidade ao que pouco é visualizado.

## **Quadro 2 – Como tem passado esse período de isolamento físico e social?**

*Vitor (10 ANOS): “Eu tenho brincado com a minha cachorra, comido muito, lavado bem as mãos, vendo desenho / YouTube.”*

*Thiago (07 ANOS): “Eu tenho passado ao lado dos meus pais em casa, desenhando, assistindo filmes e dormindo bastante. Eu penso que é um vírus muito forte, e que devemos tomar bastante cuidado.”*

*Júlia (06 ANOS): “Eu acho o coronavírus muito ruim, ele mata muitas pessoas! Todo dia tem gente doente. Eu quero que ele vá embora logo! Não posso ir para escola, ele está me separando das minhas amigas, não posso nem brincar direito.*

*Brayan 03 ANOS: “Ele brinca com seus pais, faz seus deveres escolares, ele acha que todas as pessoas que estão com máscara/tosse têm a ver com o coronavírus”. (Ações narradas por sua mãe).*

*Maria Luisa (08 ANOS): “O que mais faço é brincar e assistir televisão. O dia demora a passar queria muito ir para escola”.*



*Pâmela (11 ANOS): “Tenho visto muito desenho, principalmente bob esponja, tenho lavado muito bem minhas mãos, tô brincando muito com minhas bonecas e passando um tempo maravilhoso com a minha família”.*

*Crianças entrevistadas – abril/2020*

Observamos que suas falas compõem seus sentimentos, dor, medos, emoções, ansiedades e angústias, tudo foi compartilhado, até mesmo porque as crianças conseguem ressignificar e trazer as suas impressões desse momento tão difícil. Percebemos também os papéis sociais assumidos por elas durante a entrevista, até mesmo quando revelam o que acham do uso das tecnologias nas aulas remotas, refletindo as possíveis experiências que elas têm vivenciado em todo esse período de afastamento físico e também social.

### **Quadro 3 - Para você é importante o uso das tecnologias neste momento?**

*Anne (05ANOS): “Eu tenho feito meu trabalho da escola, no computador da minha mãe.”*

*Yuri (07 ANOS): “Eu tenho estudado muito com meus pais em casa no computador”.*

*Fábia (10 anos): Minha mãe me ajuda nas tarefas no celular. Eu falo com a minha tia da escola pelo celular da minha mãe, tenho aulas online. Eu acho a internet importante para estudar”.*

*Eduarda (12 ANOS): “Atualmente, as minhas aulas tem sido online é muito diferente, mas é melhor do que nada. Ainda mais, nesse momento de pandemia. A professora tem passado as aulas e algumas crianças que tem celular, computador, podem acompanhar.”*

Repensar essas impressões são importantes, visto que nesse momento, é preciso, pensar no bem-estar de todos, com medidas que valorizem, protejam e integrem todos os estudantes. Mas com tudo isso, é notório que há diferenças as narrativas das crianças já revelam, esses revelam um dos impactos que também foram detectados na pandemia, em virtude das desigualdades sociais. De acordo com, o material de Repercussões da Pandemia de COVID-19 no Desenvolvimento Infantil (2020), também acrescenta que:

Os números mostram ainda que essa modalidade de ensino não atende à maioria da população mais vulnerável. Os mais pobres normalmente não têm computador com internet e frequentam escolas públicas que muitas vezes não têm a estrutura para oferecer ensino online. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2017, “apenas 31% dos estudantes do ensino fundamental da rede pública possuem computador/tablet e acesso com banda larga em casa”, enquanto 77% dos estudantes da rede privada estão nessa condição (Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Guia COVID-19, vol. 3, 2020, p. 9).

E realmente, esses dados apresentados nesse estudo revela-se algumas discrepâncias dessa triste realidade, que recaem sobre todos, mas afeta muito mais as famílias mais pobres e vulneráveis, que sofrem os efeitos diretos e mais intensos desse momento. As crianças têm razão é estão atentas aos efeitos negativos dessa crise provocada pelo Coronavírus, quando falam da escola, do tipo de ensino oferecido, até mesmo das desigualdades no acesso ao ensino remoto, vemos que essas foram preocupações relatadas pelas crianças entrevistadas.

## **CONCLUSÃO**

A discussão realizada se origina de uma prática pedagógica, focada numa realidade específica ao qual estamos passando – o surto do novo coronavírus. Atualmente, o COVID-19 parou o mundo, é um desafio presente na atualidade. Para refletirmos sobre isso, os estudantes do Curso Normal foram desafiados a convidar algumas crianças de várias idades, para falar sobre esse atual desafio presente na educação contemporânea. Sabemos que esse momento é preocupante e pode ter um impacto direto no cotidiano de nossas crianças.

E alguns aspectos específicos dessa realidade foram vistos quando as instituições escolares fecharam as portas, devido a medida de isolamento físico e social. Muitas preocupações surgiram, mas logo ganhou espaço o ensino remoto. Mas é preciso ressaltar que, esse ensino surge como um caminho, uma opção, como um recurso momentâneo, que surgiu a partir das medidas provisórias emergenciais. Mas levando em conta que atualmente, este ensino é uma realidade em alguns lares, é claro. Por conta do aumento dos níveis de desigualdades e pobreza que afetaram diretamente algumas famílias mais pobres e vulneráveis, que não podem monetariamente arcar com esses custos adicionais para esse ensino.

O nosso interesse foi convidar o leitor para esse diálogo e para outra experiência que é a do pensar essas questões entre outras mais, por meio da escuta atenta das crianças. Com isso, esperamos neste texto contribuir com o debate acerca da educação das crianças e as tecnologias digitais. Portanto, não buscamos fazer aqui uma descrição exaustiva sobre o tema, mais demonstrar, por meios das falas das crianças, o que pensam sobre a pandemia e como elas têm estudado neste período.

Esperamos que este ensaio possa cooperar com outros educadores da infância, para repensar esse momento de mudanças e para todos aqueles que tenham interesse em pesquisar a infância e as culturas infantis, para planejar ações e estratégias pedagógicas que venham dialogar com esse momento.

E principalmente pensar esses sujeitos infantis e a sua importância nesse processo. Ampliamos assim as nossas sugestões com a certeza de que outros mais profissionais, educadores ou não, ou apenas amantes da educação possam em um futuro bem próximo recordar traços dessa história, na voz das crianças e reconhecer tais percepção do mundo deste período tão conturbado.

As mudanças provocadas desse momento, as impressões mesmo que diante das expectativas das voltas às aulas, trará aspectos de um *novo normal*, bem diferente do que as nossas crianças estavam acostumadas, cotidianos diferentes, novos protocolos, sem abraços ou apertos de mãos, compartilhamentos de brinquedos ou objetos, nem pensar, sem brincadeiras só de longe, é mesmo difícil de imaginar, até mesmo para um professor... Só mesmo um outro estudo dará conta de pensar essas e outras contradições e complexidades desta nova realidade educacional.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: As Socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educ. Soc**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 02 mar. 2016.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura** (Obras Escolhidas v. I). São Paulo: Brasiliense, 2012

BRAGA, Júlia A. - POSTIGO, Juliana. **Covid-19 e transtornos específicos de aprendizagem** - Possíveis impactos e estratégias de enfrentamento no pós-pandemia", (Orgs.). 1. ed. São Paulo : Instituto ABCD, 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05 de Dezembro de 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOBBI, Maria Aparecida. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: A.L.G. FARIA; Z.B.F. DEMARTINI; P.D. PRADO (eds.). **Por uma cultura da infância: Metodologias de pesquisa com crianças**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 67-92.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A escrita da História da Infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). **Estudos da infância: Educação e Práticas Sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

KOHAN, Walter Omar. **Infância**. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

KOHAN, Walter Omar. **Ensaaios Filosóficos**, Volume XI – Julho/2015 – referência completa...

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia o paradoxo de aprender e ensinar**. Ed. Autêntica, MG, 2009.

KRAMER, Sônia. Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In: BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. (Org.). **Infância e educação infantil**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002. p. 83-106.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, leitura e escrita: Formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2009.

KRAMER, Sônia. **Infância e pesquisa: opções teóricas e interações com políticas e práticas**. In: KRAMER, Sônia; ROCHA, Eloisa A. C. (Orgs.). **Educação Infantil: enfoques em diálogo**. Campinas: Papyrus, 2011.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira da Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. XX-XX, Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_LARROSA\\_BONDIA.PDF](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_LARROSA_BONDIA.PDF)>. Acesso: março, 2015.

MACHADO, R. **Deleuze, a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NOGUERA, Renato. “Sobre Afroperspectivismo”. ENTREVISTA. **Revista Ensaaios Filosóficos**. Volume X, dezembro de 2014.

NOGUERA, Renato. **Sociedades de controle e o grito de Eric Garner: o racismo antinegro do cogito da mercadoria na (através da) filosofia de Deleuze**. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – (1º quadrimestre de 2016) – Vol. 9 – nº 1 – pp.47-65

SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009